

O artesanato em Juazeiro do Norte/CE: memória de uma atividade de trabalho

Crafts in Juazeiro do Norte / CE: memory of a work activity

Enviado em: 23/01/2018

Aceito em: 07/07/2019

Rebeca da Rocha Grangeiro¹

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos²

Resumo:

O movimento recente de valorização do artesanato desperta o interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que buscam contribuir para ampliar a compreensão do fenômeno. Assim, propomos como objetivos deste artigo: i) resgatar aspectos históricos da atividade artesanal em Juazeiro do Norte/CE; ii) analisar as mudanças e transformações vividas pela atividade artesanal. Para atingir tais objetivos, buscaram-se dados secundários que mostrassem as características da atividade artesanal em Juazeiro do Norte, de sua origem aos dias atuais. O texto está organizado de forma linear em relação aos períodos históricos retratados; na primeira seção encontram-se dados sobre a origem e desenvolvimento do artesanato no município. Em seguida, abordaram-se aspectos do trabalho artesanal que fossem indicadores do processo de fragilização e desvalorização do artesanato local. Observa-se que o percurso histórico do artesanato em Juazeiro desemboca em tensões evidenciadas a partir da coexistência de indicadores de fragilidades e florescimento da atividade artesanal.

Palavras-chave: Atividade artesanal; Elementos históricos; Transformações no artesanato.

Abstract:

The movement of valorization of the craft attracts the interest of researchers of several areas that seek to contribute to the understanding of the phenomenon. Thus, it's proposed as objectives of this article: i) to recover historical aspects of the artisanal activity in Juazeiro do Norte/CE; ii) to analyze the changes experienced by the artisanal activity. In order to reach these objectives, we sought secondary data that showed the

¹ Universidade Federal do Cariri. Doutora em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela UFBA. Professora Adjunta da UFCA. E-mail: rebeca.grangeiro@ufca.edu.br

² Universidade Federal da Bahia. E-mail: antoniovirgiliobastos@gmail.com

characteristics of the artisanal activity in Juazeiro, from its origin to the present day. The text is organized in a linear way in relation to the historical periods presented. In the first section we find data about the origin and flourishing of handicrafts. Then, aspects of the artisanal work that were indicators of the process of fragilization and devaluation of the local handicraft were presented. It's observed that the historical path of handicrafts in Juazeiro leads to tensions evidenced by the coexistence of indicators of fragility and flourishing of artisanal activity.

Keywords: Craft activity; Historical elements; Transformations in handicraft

Introdução

Toda produção humana anterior ao surgimento das máquinas é artesanal e encontramos registros de artefatos elaborados manualmente em todos os períodos históricos da humanidade. Objetos utilitários e ferramentas de trabalho eram produzidos manualmente, no entanto, a utilização da palavra artesanato tem origem posterior à realização da própria atividade. Conforme Martins (1973), foi somente a partir do século XV que o regime de trabalho que reúne as diferentes técnicas manuais de produção ganhou nome.

Ainda tratando da origem da palavra artesanato, Rugiu (1998) concorda com Martins (1973) no que se refere ao período em que o termo surgiu, mas acrescenta dados linguísticos sobre a origem e evolução do termo em alguns países europeus. Os italianos criaram a palavra *artigiano* que significa artesão. O termo desdobrou-se no século XIX para *artigianato*, a fim de indicar o regime de trabalho do artesão. O neologismo chegou à França sob a forma *artisan* - no século XVI - e *artisanat*, a partir do século XIX. Do francês, o vocábulo assume as formas de *artizan* e *artizanat* em romeno; *artesano* e *artisanía* em espanhol; e artesão e artesanato em português. Em alemão, a palavra que designa artesanato é *Handwerck* e, em inglês, é designada por *handwork*, *handcraft* e *handcrasftsman*. No que tange à origem do termo no Brasil, Saviani (1998) informa que não há registro da palavra artesanato em versões mais antigas dos dicionários do país, aparecendo somente em meados do século XX.

Historicamente, o processo manual de fabricação prosperou na Europa durante os séculos X, XI e XII (MARTINS, 1973). Ao redor dos castelos, os mestres-artesãos trocavam artigos de sua produção por produtos agrícolas e, dessa maneira, o sistema familiar de

produção manual se desenvolveu. Devido sua importância comercial, econômica, política e social, as antigas corporações renasceram e marcaram época.

Entre os séculos XII e XV emerge a instituição do artesanato regulamentada pelas corporações de ofício. Os artesãos da Idade Média se organizaram em corporações para suprir as demandas da burguesia por artigos de luxo, já que os feudos e mosteiros não eram mais capazes de dar conta da nova demanda (PEREIRA, 1979). Corroborando as ideias expostas acima, Saviani (1998) descreve como o artesanato se organizou em diferentes sistemas ao longo de sua história: de um sistema familiar na Idade Média, o artesão passa a organizar-se num sistema de corporações, deslocando-se para a cidade e produzindo para um mercado pequeno e estável.

Quanto à história da atividade artesanal no Brasil, Saviani (1998) nos lembra que há registro de corporações de ofício em Portugal e no Brasil, no entanto elas estiveram longe de alcançar a expressividade que tiveram as corporações italianas. O perfil comercial de Portugal, usando as navegações para expansão do comércio em outros mares, de certa forma, freou o desenvolvimento das corporações. E no Brasil colonial, as corporações foram oficialmente extintas, em 1824, pela constituição imperial outorgada por Dom Pedro I, apesar da pouca eloquência das mesmas (FONSECA, 1986). O baixo nível de organização dos artesãos foi constatado após a fiscalização do decreto imperial, quando apenas 13 teares de tecido foram apreendidos (NOVAIS, 1989). Parece-nos que os colonizadores tinham duplo interesse com essa atitude, primeiro impedir que um grupo de trabalhadores se organizasse e ganhasse força e segundo continuar impondo a exportação de produtos que éramos proibidos de produzir por conta própria.

Em outras palavras, antes de desembocar em um forte desenvolvimento industrial, o continente europeu vivenciou séculos de produção artesanal e de produção manufatureira. Já a história da atividade artesanal e manufatureira no Brasil é bem diferente da forma como estas atividades se desenvolveram no Velho Mundo, o que de certa forma explica o processo histórico industrial caótico ao qual experimentamos. Lembrando-nos destes elementos históricos é que Bo Bardi (1994) diz não existir artesanato no Brasil, mas respostas do popular às necessidades cotidianas. Ser uma produção eminentemente popular e ser comercializado em lugares ditos populares, como feiras, fazem com que o artesanato seja visto a partir de uma perspectiva preconceituosa, principalmente quando comparado ao objeto artístico.

Assim, apesar de traçarmos um caminho, em diversos aspectos, diferente do europeu, no que tange à história da atividade de trabalho artesanal, somos semelhantes em relação ao julgamento hierarquizado que existe entre arte e artesanato. O debate sobre as distinções entre o que é arte e o que é artesanato é bem antigo no pensamento ocidental. Para explicar a origem da diferença entre os termos, pesquisadores se apoiam em fatos históricos. Assim, Rugiu (1998) identifica que desde a Idade Média, a palavra arte, em língua vulgar, referia-se às atividades de produção manual. Naquela época, as artes eram classificadas em duas categorias: as liberais e as mecânicas ou servis. As artes liberais eram próprias dos homens livres. As artes mecânicas eram as realizadas com as mãos, incluindo as belas-artes. As artes mecânicas tinham sua importância, enquanto as artes liberais eram de exclusividade dos doutos. Conforme o mesmo autor, a partir do século XV, as artes liberais afastaram-se das artes mecânicas, assumindo uma posição superior. Desta maneira, começou a surgir uma distinção hierárquica entre as mesmas.

Segundo Bazin (1989), houve um descrédito das belas-artes, por estarem ligadas às artes mecânica. Assim, na Renascença, os artistas reivindicaram uma elevação de categoria, a partir da justificativa de que a atividade do artista precedia de operações mentais, já que os mesmos partiam do desenho. Nesse momento ocorreu a separação entre as duas categorias. Como aponta Russi (2004, p. 55), “o primeiro se garantiu pelo próprio trabalho e genialidade, enquanto o segundo continuou trabalhando e morrendo anonimamente”.

No entanto, a ideia de que no artesanato pensar e fazer estão desassociados – como propuseram os artistas da renascença – é equivocada. Alguns autores apontam as desvantagens da ruptura entre mão e mente ou trabalho manual e trabalho intelectual (SENNET, 2009; MILLS, 2009). Porto Alegre (1994), analisando especificamente a atividade artesanal no estado do Ceará, demonstrou que uma das características da produção artesanal, referindo-se a processo de trabalho, reside exatamente na integração da atividade manual com atividade intelectual, na associação entre a obra produzida e seu autor.

Ainda sobre a hierarquização existente entre arte e artesanato, concordamos com Lima (2005), quando ele afirma que esta questão se refere à distinção de classes sociais. O artesanato continua imbuído de preconceito e, em virtude desse sistema de classificação discriminatório, sua venda comumente está localizada em cidades do interior, feiras públicas e mercados municipais. Por outro lado, recentemente observa-se também uma valorização

do produto artesanal. Em países desenvolvidos, destaca Lima (2005), renasce o interesse por objetos feitos à mão, que se estabelece como contra-movimento à massificação dos objetos industrializados. Nesses países, o artesanato é altamente sofisticado e alcança altos preços de mercado.

Ademais, no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, tem-se dado destaque ao artesanato de conteúdo cultural (SANTOS, 2007). Conforme esta autora, a ampla variedade e quantidade caracterizam produção artesanal brasileira, que apresenta claramente as influências dos povos que lhe dão origem. Produção artesanal que nos últimos anos vem apresentando ritmo de expansão crescente, constituindo-se em atividade econômica com grande potencial de alargamento, inclusive como fonte de emprego e renda (BNB, 2002).

Assim, apesar das diferenças quanto aos percursos históricos da atividade artesanal na Europa e no Brasil, identificamos também alguns aspectos que os aproximam, tais como a discriminação histórica experienciada pela atividade artesanal, sobretudo quando comparada à arte e uma recente valorização do artesanato, que assume o papel de elemento de reação à massificação acarretada pela produção industrial (VIVES, 1983).

Este movimento de valorização da atividade artesanal acaba por despertar o interesse de estudiosos de diversas áreas científicas que buscam contribuir para ampliar a compreensão do artesanato como objeto de pesquisa. Inclusos neste grupo de investigadores, propomos como objetivos deste artigo: i) resgatar aspectos históricos da atividade artesanal em Juazeiro do Norte/CE, indicando possíveis fatores associados às mutações vivenciadas pela atividade artesanal do período que vai do final do século XIX aos dias atuais; ii) analisar as mudanças e transformações vividas pela atividade artesanal em suas três etapas (aquisição matéria-prima, produção e comercialização).

Além desta introdução, o presente artigo possui outras três seções. A segunda seção aborda o intervalo de tempo entre a origem da atividade no município até seu momento áureo. Já a terceira apresenta período entre início do declínio da atividade artesanal, apontando possíveis causas desta fragilização, até a análise de suas características mais recentes. A quarta e última seção aponta as considerações finais deste artigo.

A origem de Juazeiro do Norte/CE e a ascensão de sua atividade artesanal dos anos 1890 a 1960

Convém destacar que a origem do artesanato no Cariri cearense remonta às atividades dos seus primeiros habitantes, os índios *Kariri* (RABELLO, 1967). Ferrer (2007) aponta que a principal dificuldade de se elaborar história dos primeiros habitantes da região do Cariri cearense diz respeito à ausência de informações confiáveis sobre eles, uma vez que os documentos encontrados foram produzidos pelos colonizadores, que faziam uma leitura do indígena a partir de um ponto de vista etnocêntrico. Sob esta perspectiva, o índio era, na maioria das vezes, retratado de forma hostil e pejorativa. Documentos antigos apontam a chegada dos colonizadores a partir de 1730, aproximadamente, quando povoadores do “ciclo do couro” catequizaram a etnia *kariri* (FERRER, 2007).

Apesar da dificuldade em mapear de forma segura os hábitos dos *kariri*, há indícios de que os mesmos produziam artesanalmente os objetos necessários para suas atividades cotidianas. Para armazenar alimentos e bebidas, os índios produziam cabaças, cuias e coitéis. Para preparar os alimentos faziam pratos e panelas de cerâmica próprios ao cozimento dos mesmos. Também criavam outros utensílios domésticos, a exemplo do pilão, da esteira de palha palmeira e de seus alimentos.

A exemplo do que aconteceu em todo território brasileiro, a atividade artesanal na região do Cariri também recebeu influência portuguesa. No Ceará colonial, segundo nos ensina Porto Alegre (1989), a primeira geração de artesãos e mestres treinada pelos jesuítas no aprendizado das técnicas artesanais portuguesas surgiu em função das necessidades da vida cotidiana de grupos familiares que não eram auto-suficientes e tampouco possuíam renda para importar o que lhes faltava. A fragilidade econômica vivenciada pela região impunha que tanto vaqueiros e agricultores, quanto pessoas oriundas de camadas mais abastadas, consumissem manufaturas caseiras.

Esta região foi colonizada no final do século XVI com a chegada dos exploradores da Bahia. Na época, a principal atividade econômica era a pecuária. Segundo Nobre (2010), apenas a partir da segunda metade do século XIX, a agricultura passou a ser a atividade econômica predominante da região, tendo como destaque a produção de cana-de-açúcar. Contudo, a origem de Juazeiro do Norte não está completamente definida na literatura, pois os autores divergem quanto às datas marcantes na história do local e aos nomes das personalidades envolvidas nestes fatos.

Pereira (2005) aponta que a formação do povoado teve por fundador Leandro Bezerra Monteiro, cujo marco foi a construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores, em sua fazenda. Esta versão é corroborada por Nobre (2010) ao

afirmar que Leandro Bezerra Monteiro era proprietário da fazenda Tabuleiro Grande, que deu origem ao sítio Juazeiro e que depois viria a tornar-se a vila de Juazeiro do Norte/CE. Por outro lado, outros pesquisadores, como Walker (2010), a fundação do povoado é atribuída ao Padre Pedro Ribeiro, primeiro capelão de Juazeiro do Norte, a partir da construção de uma capela em 1827. O Padre Pedro Ribeiro trabalhava na catequização dos moradores para evitar a promiscuidade e promover uma cultura de paz entre os moradores. O povoado foi crescendo e outros padres substituíram o primeiro após sua morte em 1833 com esta mesma missão.

O sítio Juazeiro tornou-se conhecido por se encontrar em um local onde diversos caminhos entre cidades se cruzavam: os viajantes que iam e vinham das cidades vizinhas, especialmente de Crato, paravam no local para descansar (NOBRE, 2010). Por muito tempo, o vilarejo foi apenas o local de descanso dos viajantes, conforme apresentado por Walker (2010).

O estabelecimento de Padre Cícero Romão Batista no lugarejo ocorreu em 1872. No ano anterior, ele celebrou a primeira missa no povoado de Juazeiro. Após a realização de alguns trabalhos de assistência religiosa, o padre fixa residência em Juazeiro. No mesmo ano, ele é nomeado pelo bispo o capelão da Igreja de Nossa Senhora das Dores, tornando-se o primeiro padre do povoado (BRAGA, 2007).

A partir de então se inicia no povoado um forte trabalho de catequização e orientação para o trabalho. Rabello (1967) relata que Padre Cícero orientava os moradores do povoado a fazerem de cada casa um altar e uma oficina. A ação evangelizadora que unia trabalho e fé foi importante para o desenvolvimento da região e de Juazeiro, não só em termos religiosos, mas políticos, econômicos e sociais. Devido às estiagens periódicas pelas quais a região passava, a população não podia depender unicamente do trabalho rural. Também a distância entre Juazeiro e os principais centros urbanos era uma imposição para que os habitantes do lugarejo procurassem outras atividades econômicas que garantissem sua subsistência. Neste momento, começa a tomar forma o trabalho artesanal como atividade econômica de subsistência na região.

Ainda no início da sua formação ocorreu um episódio fundamental para o florescimento econômico do povoado de Juazeiro. Em 1889, durante a celebração de uma missa, Padre Cícero - na comunhão - deposita uma hóstia na boca da Beata Maria de Araújo e a hóstia se transforma em sangue. Este fenômeno, bastante polêmico, é considerado por alguns como um milagre e por outros como embuste. A primeira ocorrência

se deu em 06 de março de 1889, em uma sexta-feira da quaresma (período religioso importante para os cristãos) e se repetiu por dezenas de vezes em dois meses. O fato atraiu moradores e fiéis de cidades vizinhas e distantes da região Nordeste para receber as bênçãos do Padre “milagreiro” (ARAÚJO, 2006).

A partir deste episódio, Juazeiro sofreu um intenso processo de crescimento populacional com a chegada de inúmeros fiéis, que viam no lugar um espaço para a devoção e a possibilidade de mudança nas suas condições socioeconômicas. Era frequente também a chegada de pessoas que buscavam oportunidade de trabalho e até de crescimento profissional. Para garantir a sobrevivência das pessoas que se instalavam no povoado, foram desenvolvidas novas formas de produção e comercialização de bens (Feitosa et al, 2009). Com esta vocação religiosa assumida em Juazeiro, além dos produtos artesanais já desenvolvidos no lugar, iniciou-se também a produção artesanal de objetos de culto religioso (RABELLO, 1967).

Percebendo as habilidades manuais da população e o potencial econômico do trabalho artesanal, Padre Cícero (que além de líder religioso foi referência na política e no desenvolvimento econômico da região) estimulou a atividade do artesanato como principal fonte de trabalho e renda para a população (RABELLO, 1967). O Padre Cícero estimulava o fabrico e comércio destes produtos artesanais (HOLANDA, 2009) enquanto forma de gerar trabalho e renda para a população local e para os romeiros que chegavam a Juazeiro.

Como exemplo dessa ação existe uma estória contada nos dias de hoje, em Juazeiro do Norte, acerca de um conselho de Padre Cícero para um romeiro recém chegado: o “Padim Ciço” – forma como os romeiros chamavam o religioso – indicou que o mesmo produzisse candeeiros ainda que sem compradores aparentes. Era uma época próxima a data da procissão de Nossa Senhora das Candeias e o “Padim”, em uma celebração anterior a esta data simbólica, pediu que todos portassem candeeiro durante a procissão e recomendou a compra àquele romeiro, pois os seus candeeiros foram bentos pelo Padre. Desta forma, toda a produção dos candeeiros foi vendida.

Além desse acontecimento - que pertence ao quadro de diversas estórias que circulam entre os devotos de Padre Cícero - existem inúmeros outros casos de estímulo do “Padim Ciço” à produção e venda do artesanato local, na forma de artigos religiosos (como santos, medalhas e rosários), utensílios para o trabalho no campo (ferramentas para agricultores, vestimenta e outros peças de couro para vaqueiros) e de uso doméstico (panelas de barro, potes).

Desta maneira, os produtos artesanais que até então se destinavam ao uso pessoal do produtor passaram, de acordo com Facó (1980), a ser os principais produtos comercializados em Juazeiro. A produção tornou-se tão intensa que certos tipos de produtos do artesanato estendiam-se expostos por toda uma rua. “Houve um tempo em que os ourives tomavam conta de uma rua inteira. Os sapateiros e os seleiros igualmente se encontravam em todas as ruas” (RABELLO, 1967, p. 73). A elevada produção artesanal do período fez com que a cidade fosse chamada, na época, de Cidade-Oficina.

Há nesse fenômeno, indubitavelmente, influência dos preceitos de Padre Cícero (incentivador do trabalho artesanal na região) que, a partir do lema beneditino “ora e labora”, pregava entre seus fiéis “em cada casa uma oficina, em cada oficina um oratório” (BARROS, 2008). Os conselhos de Padre Cícero se justificam no contexto histórico em que foram proferidos, pois a origem do povoado foi marcada por alcoolismo, violência e prostituição (NETO, 2009) e o binômio trabalho e oração foram ferramentas utilizadas pelo Padre para modificar esta realidade social. Ao passo que Juazeiro não apresentava condições favoráveis ao trabalho agrícola³, o incentivo às manufaturas consistiu em uma opção de trabalho e renda para os romeiros que chegaram à cidade para fixar residência, no local que consideravam sagrado (HOLANDA, 2009).

Os reflexos do desenvolvimento de Juazeiro podiam ser percebidos pelo volume de arrecadação de impostos para o município de Crato ao qual o povoado pertencia. Este foi o principal motivo, segundo Walker (2010), para que a emancipação do povoado começasse a ser pensada. A luta pela independência, segundo conta o autor, durou quatro anos (1907-1911). A motivação econômica para a independência de Juazeiro era evidente, pois “de um lado estaria um Juazeiro autônomo que certamente iria exterminar a liderança e hegemonia do Crato e, do outro, os comerciantes, entre os quais artesãos, achavam que o seu crescimento econômico lhes credenciava a reivindicar um poder político proporcional” (WALKER, 2010).

³ Nos dias atuais, permanece a baixa produção agrícola em Juazeiro do Norte. Do ponto de vista econômico, de um Produto Interno Bruto (PIB) municipal totalizando R\$ 2.354,6 Mi, somente R\$ 6,0 Mi é gerado pelo setor agropecuário (IBGE, 2012). E este percentual da participação do setor agropecuário no PIB do município cai a cada ano. Em 2009, o PIB agrícola de Juazeiro do Norte era de 0,5% do PIB total do município e em 2012 representa apenas 0,25% (IBGE, 2009; IBGE, 2012). Outrossim, o dado ainda mais alarmante é que enquanto o PIB de Juazeiro do Norte cresceu 50% em valores absolutos de R\$ 1.595,5 Mi - em 2009 - para R\$ 2.354,6 Mi, em 2012, o valor da produção agropecuária - no mesmo período - caiu 23%: R\$ 7,8 Mi (IBGE, 2009) para R\$ 6,0 Mi (IBGE, 2012). De fato, o município possui uma pequena área geográfica - 248,83 Km² (IBGE, 2010) e a taxa de urbanização é de mais de 96,4%, uma vez que dos 69,2 Mil domicílios do município apenas 2,5 Mil domicílios estão na zona rural, conforme IBGE (2010).

A morte do Padre Cícero em 1934 não arrefeceu o crescimento do comércio, do artesanato e das migrações. Pelo contrário, as manifestações se intensificaram. Araújo (2006) aponta que a cidade de Juazeiro do Norte, em relação às cidades vizinhas no Ceará, Pernambuco e Paraíba, foi a única que triplicou o número de habitantes no período de 1920 a 1970. Do ponto de vista dos lugares que passaram a atrair a peregrinação de pessoas para a cidade, além da Igreja de Nossa Senhora das Dores, estão o Santo Sepulcro, a casa de ex-votos, as casas do Padre Cícero (no centro da cidade e no Horto) e a estátua do “Padim Ciço” - erguida na década de 1970 (NOBRE, 2010).

Estes lugares construídos durante e após a morte do Padre Cícero, e alguns até recentemente, como é o caso do Luzeiro, revertem-se hoje em pontos turísticos e de peregrinação durante todo o ano. Atualmente ocorrem pelo menos 05 romarias por ano, que se destacam em Juazeiro do Norte pelo grande contingente de pessoas que visitam a cidade. São elas: Romaria de Nossa Senhora das Candeias (02 de fevereiro); Romaria do Aniversário de Nascimento do Padre Cícero (24 de março); Romaria do Aniversário de Morte do Padre Cícero (20 de julho); Romaria de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro); e Romaria de Finados (02 de novembro). Nestes dias, o artesanato local vive seus melhores dias, que lembram o seu período áureo, com um arrefecimento das vendas dos produtos artesanais.

Neste período, denominado época de ouro do artesanato de Juazeiro do Norte, conforme mencionado por Rabello (1967), a comercialização das peças artesanais era a força motriz da economia da cidade. No entanto, nas décadas seguintes, este setor foi perdendo sua centralidade econômica na vida da cidade até tornar-se, nos anos 2000, uma atividade marginal na vida econômica de Juazeiro do Norte, de modo que não aparece no cálculo do PIB Municipal pela baixa participação no mesmo.

A Juazeiro do Norte/CE e a fragilização da atividade artesanal dos anos 1970 aos 2000

Seguindo a tendência do que ocorreu em alguns países da América Central e do Sul (SCRASE, 2003), nas últimas quatro décadas, Juazeiro do Norte vivenciou o declínio da atividade artesanal. Os motivos apontados por Scrase (2003) para precarização de comunidades artesãs da América Central se assemelham aos motivos identificados por estudos brasileiros que explicam a fragilização da atividade.

Pesquisas realizadas pelo Banco do Nordeste (BNB) - em 1958 - e Serviço Social da Indústria (SESI/CNI) - em 1962 – já apontavam fatores que impactaram na redução da atividade artesanal na cidade. A industrialização de objetos típicos da produção artesanal local e a modificação de traços culturais reduzem o consumo de artigos como louças de barro, selaria e trançado. Observa-se a substituição do consumo de panelas de barro por panelas de alumínio, bem como do uso de calçados de couro por calçados de borracha.

Um período marcante para a derrocada econômica da atividade artesanal no Cariri é a década de 1990. Naqueles anos, o estado do Ceará foi marcado pela implementação de políticas governamentais para atração de indústrias – que consistiam em concessão de incentivos fiscais, financeiros e de infraestrutura, além da mão de obra de baixo valor econômico – para cidades do interior do estado (ROCHA; AMARAL FILHO, 2004). Neste período, a região do Cariri recebeu indústrias com atividades produtivas semelhantes às realizadas nas oficinas artesanais (ARAÚJO, 2006). A produção artesanal perdeu mercado interno, passando a comercialização dos produtos industrializados a ter maior peso no desenvolvimento do local.

A ampliação de indústrias na região influenciou a mudança de hábito dos moradores, que, por exemplo, trocaram as alpercatas de couro por chinelos produzidos a partir de Etil Vinil Acetato (EVA). O homem “vaqueiro” que para aboiar montava no cavalo e vestia roupas de couro para se proteger dos espinhos típicos da região da caatinga, nos dias atuais realiza essa atividade de moto e vestido de calça e casaco jeans ou camisas de algodão. As mulheres trocaram as panelas de barro pelas panelas de alumínio mais resistentes. As bonecas de pano, os carrinhos de lata e os peões de madeira são substituídos por brinquedos de plástico, totalmente produzidos fora da região ou importados. As lamparinas perdem sua função principal – iluminar as casas – reduzindo a produção das mesmas ao propósito de serem utilizadas durante os festejos religiosos de Nossa Senhora das Candeias. Os santos de barro e os 'Padres Cíceros' de madeira produzidos pelos artesãos locais são menos vendidos que aqueles industrialmente produzidos a base de EVA ou outra resina plástica que ainda reproduzem a gravação de hinos de louvor e benditos, apenas ao toque de um botão.

Os exemplos de substituição de produtos artesanais por produtos industriais, como apresentados anteriormente, são evidências de inúmeras transformações pelas quais a região do Cariri passou nas últimas décadas, que tiveram como consequência um retraimento do artesanato local, com possíveis perdas de valores intangíveis, de tradições

culturais e de técnicas tradicionais. Estas mudanças podem ser observadas em todo processo de produção artesanal, considerado como composto por três etapas distintas: aquisição da matéria-prima, produção propriamente dita e comercialização do produto artesanal.

Quanto à *aquisição da matéria-prima*, uma dificuldade diz respeito à inacessibilidade da matéria-prima na natureza ou no ambiente onde o artesão vive. Por vezes, isto ocorre porque a idade do artesão não lhe permite mais longas caminhadas para chegar ao local onde pode encontrar a matéria-prima, por exemplo, o “barro bom” para se trabalhar. Outras vezes, porque uma determinada forma de acesso à matéria-prima deixou de existir, como no caso da palha de milho em que o produtor substituiu o trabalho humano pelo trabalho mecânico no processo de remoção da palha, inviabilizando a utilização da palha na produção artesanal, ou ainda, como em episódios nos quais o proprietário de um terreno permitia a extração da matéria-prima, mas vende o imóvel e o novo proprietário veta esta possibilidade.

Finalmente, em algumas vezes, identificamos ainda a extinção da matéria-prima, como é o caso dos artesãos da madeira, que tinham como insumo principal a madeira da umburana, árvore nativa do semiárido brasileiro (CARVALHO, 1998), que na espécie “*Amburana cearensis* corre risco de ser extinta, de acordo com levantamento feito pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais – IUCN” (EMBRAPA, n.d.). Aliás, a Umburana é uma das espécies ameaçada de extinção elencada na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção, publicada em portaria do IBAMA (1992).

A insuficiência da matéria-prima na natureza ou no ambiente onde o artesão vive, impele-o a adquiri-la através da compra para poder dar continuidade ao seu ofício. Esta vem sendo a forma mais comum de aquisição da matéria prima atualmente, conforme aponta o estudo sobre os artesãos de Juazeiro do Norte: 84,2% dos artesãos informaram comprar a matéria-prima para realização do seu ofício artesanal (GRANGEIRO; BASTOS, 2016). Caso existissem dados acerca da forma de aquisição da matéria-prima pelos artesãos no período mais pujante do artesanato na região do Cariri (década de 60), para que pudéssemos comparar com o atual momento, provavelmente um percentual menor de artesãos – nos anos 60 – informaria adquirir a matéria-prima através da compra.

O fato de comprar matéria-prima não representa - em si - indício de falência do artesanato, desde que o artesão tenha poder de compra. Em alguns casos, comprar

matéria-prima pode até significar mais liberdade e tempo de dedicação ao processo criativo e produtivo, uma vez que o artesão não precisará se ocupar da extração da matéria-prima e/ou de sua preparação inicial antes de ser utilizada no processo de produção.

O *processo de produção* em si apresenta características que impedem o desenvolvimento pleno e satisfatório do trabalho artesanal. A realização da atividade de trabalho no próprio domicílio pode ser considerada um fator que reduz o tempo de trabalho destinado ao artesanato. Por outro lado, não podemos esquecer que a carência de incentivos governamentais à atividade artesanal e a baixa mobilização coletiva dos artesãos restringem ou limitam o espaço de produção artesanal ao próprio domicílio do artesão.

Isto é agravado no caso das artesãs, uma vez que, neste ambiente, as atividades domésticas e de cuidado com os filhos são imperativas e comprometem a dedicação à atividade artesanal. Grangeiro (2015) aponta que esta parece ser uma realidade comum em Juazeiro do Norte, pois a produção artesanal ocorre majoritariamente em ambiente domiciliar (65,6%). Por outro lado, quando analisadas as diferenças entre homens e mulheres quanto ao local onde é realizada a atividade de trabalho artesanal, observou-se que 36,8% dos artesãos do sexo masculino trabalham em casa. Enquanto 77,8% das artesãs do sexo feminino realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio.

Reconhece-se a importância histórica, para a região, de combinar trabalho e moradia no mesmo ambiente. No entanto, esta prática, que se justificou em meados do século XX, quando se observa amplo fluxo migratório para a região, parece ser um fator que atualmente mais prejudica que alavanca o artesanato no Cariri cearense. Em outras palavras, neste momento, apontamos esta característica tradicional do modo de fazer artesanal como um aspecto que fragiliza o artesanato da região.

Cabe registrar que valorizamos o artesanato como expressão da cultura tradicional ou que faça referência à cultura tradicional, no entanto julgamos que para a sobrevivência da atividade artesanal - ou mais ainda, para que o artesanato se constitua atividade lucrativa economicamente e apresente alto grau de visibilidade e inovação, o artesão deve, em algumas situações, abandonar velhas formas do fazer artesanal e imprimir transformações no processo de produção artesanal que ampliem o nível de profissionalismo na gestão da atividade de trabalho.

Além dos obstáculos mencionados nas etapas de aquisição da matéria-prima e produção artesanal em si, observamos também dificuldades em relação à *comercialização do artesanato* produzido na região do Cariri cearense. Resgatando relato de pesquisa sobre

o artesanato de Juazeiro do Norte na década de 60, podemos identificar a forma como os artesãos vendiam seus artefatos. Neste período, a comercialização era realizada pelos próprios artesãos, que se organizavam nas ruas centrais das cidades, aglutinando-se em função dos objetos que produziam e do material utilizado na produção (RABELLO, 1967).

No entanto, esta não é mais a realidade observada em Juazeiro do Norte. A ampliação de produtos industrializados à venda nos centros comerciais da região - anteriormente citado - fez com que o artesanato perdesse seu mercado consumidor local. Algumas pesquisas recentes ratificam a redução do consumo dos artefatos pelos próprios habitantes da região. Conforme observou Vitoriano (2004), o artesanato produzido no município desperta mais interesse nos turistas que visitam a cidade que nos próprios moradores. Conforme apontou Ribeiro (1983), o que tradicionalmente constituía uma produção para dentro, passou a ser uma produção para fora. Isso se reflete no volume de vendas na própria cidade e quantidade de vendas para outros estados do país e para o exterior. Para representar esta situação, em um estudo sobre circulação das peças produzidas, especificamente no Centro Cultural Mestre Noza (sede da Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, localizada no centro da cidade), Melo (2010) afirma que 60% das peças são enviadas para os estados do Sudeste, 20% para Fortaleza, 1% para o exterior. Em outras palavras, apenas 19% das peças são adquiridas pelos visitantes no próprio Centro Cultural.

Outra dificuldade que os artesãos do Cariri cearense enfrentam na etapa de comercialização do artesanato se refere à sua relação com pessoas físicas ou jurídicas que se encarregam da venda das peças por ele produzidas. Os artesãos identificam estes intermediadores entre seus produtos e os clientes como atravessadores. A partir de uma breve análise histórica do trabalho artesanal, Rugiu (1998) verificou que a venda dos artefatos raramente foi responsabilidade do próprio artesão. Este a deixa a cargo de um terceiro (com habilidades comerciais) que apresenta os artefatos produzidos a um determinado mercado comprador. Também historicamente há uma relação de submissão do artesão em relação ao atravessador, que determina o que deve ser produzido, em que quantidade deve ser produzido e qual o valor econômico das peças produzidas (CUNHA; VIEIRA, 2009). Nesta relação, em geral, os artesãos são explorados, pois os atravessadores repassam os artefatos para o mercado comprador a um preço bastante superior, comparado ao valor que é pago ao artesão.

Análises conclusivas

Apesar de a atividade artesanal da região, ao longo do tempo, passar por processo de fragilização nas três etapas do trabalho artesanal (aquisição da matéria-prima, processo produtivo e comercialização do artesanato), Juazeiro do Norte continua sendo o maior pólo de artesanato cearense em quantidade e diversidade, possuindo forte representatividade para a cultura popular do Estado do Ceará e do Brasil. Este destaque se dá, sobretudo, por preservar arte e artesanato tradicionais e pela quantidade e diversidade artesanal produzida, acolhendo os tipos mais característicos do artesanato tradicional (santeiros, xilogravuristas, seleiros, ourives, pintores) e produzindo a partir de uma variedade de insumo artesanal (couro, madeira, palha, barro, metal e tecido). Juazeiro do Norte ainda abriga artesãos de fama nacional e internacional; artesãos que têm suas peças expostas em museus; e artesãos mestres da cultura cearense que dominam o ofício artesanal e contribuem para perpetuação da cultura sertaneja. A princípio, o alto grau de visibilidade das peças produzidas por um determinado grupo de artesãos, apresenta-se como um possível indicador de êxito profissional destes trabalhadores.

Por outro lado, a região também abriga artesãos que mecanicamente repetem as técnicas aprendidas com seus antecessores; artesãos que têm dificuldade de acesso à matéria-prima e possuem precários equipamentos de produção; e artesãos cujo tempo dedicado ao trabalho artesanal está limitado aos intervalos entre as atividades domésticas e de cuidado com os filhos. Assim, produzem peças de baixa qualidade estética e também de baixo valor simbólico e econômico e que não conseguem sustentar a família a partir da renda adquirida com o trabalho artesanal (VITORIANO, 2004; CARVALHO, 2005; MELO, 2010; GRANGEIRO; BASTOS, 2018). As condições de trabalho vivenciadas por estes artesãos não favorecem o desenvolvimento pleno da atividade artesanal, que precisa passar por transformações para garantir trabalho e renda adequados aos profissionais do artesanato e para favorecer a valorização e perpetuação do artesanato tradicional do Cariri cearense.

O exame quantitativo rápido da origem dos objetos comercializados na loja do Centro de Artesanato do Ceará – Ceart pode nos induzir a acreditar no pleno desenvolvimento da atividade artesanal na região do Cariri cearense. Certo, a região é a mais rica em diversidade artesanal do estado cearense, e podemos perceber uma amostra desta

diversidade através da variedade de objetos que foram elaborados a partir de diferentes matérias-primas, por diversos artesãos do Cariri, disponíveis para a venda no referido ponto comercial. No entanto, a análise de aspectos históricos da atividade artesanal no Cariri cearense, bem como das condições atuais de trabalho de uma amostra representativa dos artesãos da região, nos impõe uma realidade complexa e, em alguns momentos, paradoxal que nos impede a construção de uma análise linear que aponte exclusivamente para uma posição de desenvolvimento do artesanato ou para o contrário, uma situação de declínio.

De fato, deparamo-nos concomitantemente com indicadores de crise do artesanato (dificuldades encontradas no processo de produção, na aquisição de matéria-prima e comercialização dos objetos; uma maioria de artesãos em condições precárias de trabalho e que repetem de modo mecânico as técnicas aprendidas, sem inserir qualquer elemento inovador; além da pouca expressão que a atividade possui no PIB do município) e com elementos que destacam o vigor da atividade, tais como: apresentar uma produção artesanal de destaque, que supera as fronteiras estadual e até nacional, além do contingente de trabalhadores do setor, que também constituem uma fonte de potencial crescimento do mesmo.

A coexistência de indicadores de fragilidades com elementos que apontam o florescimento da atividade artesanal caririense a apresenta como um contexto multifacetado. A convivência simultânea destes elementos paradoxais complexifica a análise da atividade artesanal realizada no Cariri cearense. Por fim, esperamos ter contribuído em apresentar diversas formas e possibilidades de conjunturas do artesanato do Cariri cearense, explicando esta coexistência a partir de aspectos históricos da atividade artesanal, desde a fundação de Juazeiro do Norte, passando pelo impacto provocado pela industrialização.

Referências

ARAÚJO, I. M. **Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense**. 198f. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste**. BNB: Fortaleza, 2002.

BARROS, L. O. C. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. 2ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BAZIN, G. **História da história da arte**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BO BARDI, L. **Tempos de grossura**: O design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.

BRAGA, A. M. da C. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. 419f. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CARVALHO, G. de. **Artes da tradição**: mestres do povo. Fortaleza: Expressão Gráfica/Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE, 2005.

_____. **Madeira matriz**: cultura e memória. São Paulo: Anablume, 1998.

CUNHA, T. B.; VIEIRA, S. B. Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúdes das labirinteadas de Juarez Távora/Paraíba. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 258-275, 2009.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA SEMIÁRIDO. **Umburana ou cumaru**: Embrapa estuda técnica para conter ameaça de extinção. Petrolina: EMBRAPA, (n.d). Disponível em: <<http://www.cpatsa.embrapa.br/imprensa/noticias/umburana-ou-cumaru-embrapa-semiarido-estuda-tecnica-para-conter-ameaca-de-extincao/>>. Acesso em: 02 abril 2013.

FACÓ, R. **Cangaceiro e fanáticos**. Gênese e lutas. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FEITOSA, A. L. C.; QUEIROZ, S. N.; CORDEIRO NETO, J. R. Industrialização, Trabalho e Sociabilidade no Espaço Urbano do Triângulo CRAJUBAR-CE. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 1, n. 2, p. 91-104, 2009.

FERRER, F. A. Os índios Cariri e sua resistência à cultura "branca": uma leitura a partir dos relatos da época colonial. **RIC - Revista do Instituto do Ceará**, v. 121, n. 121, p. 185-200, 2007.

FONSECA, E. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI, 1986.

GRANGEIRO, R. R. **O trabalho do artesão do Cariri cearense**: sua história, práticas e significados da atividade profissional. 182f. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2015.

GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 190-206, 2018.

GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. Organização do trabalho artesanal: examinando aspectos de inovação e visibilidade do artesanato no Cariri cearense. **Revista de Psicologia, Fortaleza**, v. 7, n. 2, p. 33-48, jul./dez. 2016.

HOLANDA, M. L. de **O político Padre Cícero: entre a religião e a cidadania**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DO RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Lista oficial de flora ameaçada de extinção**. Brasília: IBAMA, 1992. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/flora/extincao.htm>>. Acesso em: 02 abril 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=23&search=ceara>>. Acessado em: 28 março 2015.

_____. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 02 abril 2013.

_____. **Produto interno bruto dos municípios 2005-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005_2009/default.shtm. Acessado em: 02 abril 2012.

LIMA, R. G. Artesanato: cinco pontos para discussão. In Artesanato Solidário/ ArteSol (Org.). **Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição** (pp. 13-42). São Paulo: Artesanato Solidário/ArteSol. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 julho 2010.

MARTINS, S. **Arte e artesanato folclóricos**. Brasília: Funarte. (Coleção cadernos de folclore, n.10), 1973.

MELO, R. A. de. Artes de Juazeiro: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mestre Noza. In: **Anais do X Encontro de História Oral**, Recife: ABHO, 2010.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NETO, L. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

NOBRE, E. dos S. **O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas** (Ceará, 1889-1898). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

NOVAIS, F. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

PEREIRA, C. M. C. **Análise da problemática do lixo nas romarias de Juazeiro do Norte-CE**. 139f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PEREIRA, J. C. **Artesanato: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho**: Brasília: Ministério do Trabalho, 1979.

PORTO ALEGRE, S. **Mãos de Mestre: itinerários de arte e tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

_____. Vaqueiros, agricultores, artesãos: origens do trabalho livre no Ceará colonial. **Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 12, p. 1-29, 1989.

RABELLO, S. **Os Artesãos do Padre Cícero: condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

RIBEIRO, B. G. Artesanato indígena: para que, para quem? In: Ribeiro, B. G. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

ROCHA, A. G. T.; AMARAL FILHO, J. As políticas industriais da Bahia, Ceará e Pernambuco: existe algo mais que guerra fiscal. In: **Anais do IX Encontro Regional de Economia**, Fortaleza: Banco do Nordeste, 2004.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Trad. Maria de Lourdes Tombaschia Menon. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

RUSSI, A. Cestaria, homem e natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu. **Textos escolhidos de cultura e artes populares**, v. 1, n.1, p. 53-61, 2004.

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades**. 97f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Fortaleza, Fortaleza. 107f, 2007.

SAVIANI, D. Educação e trabalho artesanal. In: Rugiu, A. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1998.

SCRASE, T. J. Precarious production: globalisation and artisan labour in the Third World. **Third World Quarterly**, v. 24, n. 3, p. 449-461, 2003.

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VITORIANO, G. C. **A invenção da arte popular em Juazeiro do Norte**. 162f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

VIVES, V. A beleza do cotidiano. In: Ribeiro, B. G. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Funarte. p. 131-148, 1983.

WALKER, D. **História da independência de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: HB Editora, 2010.